

A vida verdadeira de Domingos Xavier: trajetória, arte e revolução

Carlos Peicy¹

Luandino Vieira, em sua obra literária, seleciona uma experiência que poderia ter acontecido com qualquer angolano daquela época, que estivesse de alguma forma envolvido no combate ao colonialismo, ou ainda, reflete a própria experiência biográfica do autor que passou anos na prisão. A resistência, o combate, a denúncia era necessário que, antes de tudo, se expressassem através de um herói, um homem do povo que pudesse representar um arquétipo da tentativa de consolidação da angolanidade que germinava na colônia

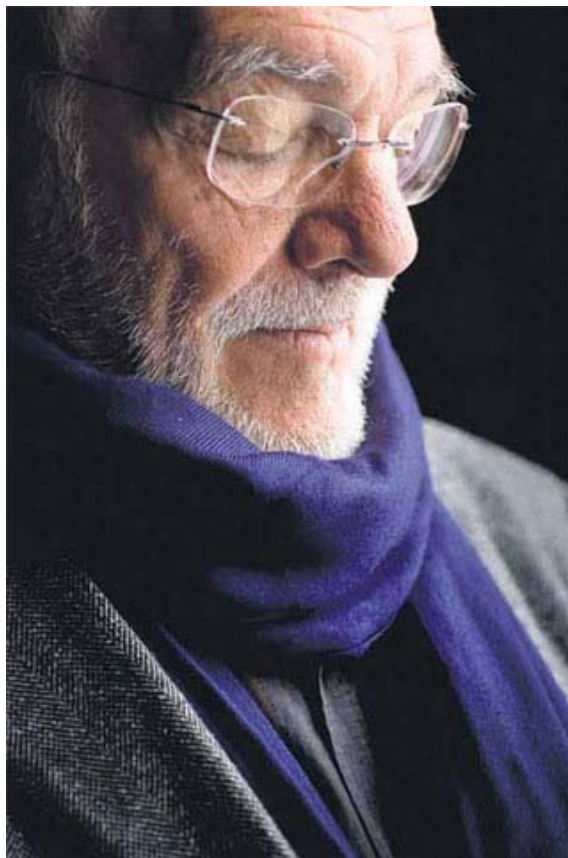


Foto: divulgação

¹ Mestrando em Estudos da Literatura - PUC-RIO (E-mail: peicy@bol.com.br)

A autenticidade de um povo submetido física e culturalmente foi transmitida da única maneira possível: a da revolta, a que um certo realismo literário veio dar forma mais sensível.

Leonel Cosme



Sabe-se que José Luandino Vieira, autor da novela *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1961), esteve preso em 1959, acusado pela PIDE – órgão de repressão do governo fascista português – de envolvimento com grupos que queriam a independência de Angola. É, pois, nesse contexto de conturbação no início dos anos 60 que ele escreve a narrativa sobre a qual discorreremos ao longo deste ensaio. Meses depois da circulação do livro – a publicação só ocorreu em 1971, em Paris – o autor volta a ser preso e é condenado a 14 anos de prisão. Pena a ser cumprida no Tarrafal em Cabo Verde.

O objetivo do nosso texto é investigar a intensa relação dessa obra de arte com a Revolução Angolana, sem perder de vista a trajetória do seu autor. Para Leonel Cosme, autor de *Cultura e Revolução em Angola*, livro publicado em 1978, portanto, três anos depois da Independência de Angola, alguns escritores

... directamente ou não engajados num processo revolucionário em que avultava, mais ou menos explicitamente, a consciência de classe, a dialéctica marxista pôs marcas indeléveis. Todos tinham a noção de que só através de uma operação cultural, pelo combate à alienação colonial, seria possível transformar um ser desligado da sua personalidade histórica num “homem novo”. (COSME, 1978, P.10)

O autor de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* participou ativamente dessa “operação cultural”, foi militante do MPLA – Movimento para a Libertação de Angola – e após a independência contribuiu para o processo de consolidação da República Popular de Angola, sendo, inclusive, dirigente do Departamento de Orientação Revolucionária desse mesmo movimento em 1979. O homem novo deveria nascer da consolidação da ideologia marxista, na qual a questão racial não figurava entre seus princípios básicos, mas sim a ideia de classe – a extrema diferença entre ricos e pobres, pouco importando ser branco ou negro.

Queremos evidenciar com essas informações a cerca da trajetória de Luandino, seu engajamento político enquanto intelectual atuante na vida social angolana da época. Um intelectual com posição marcada contra a opressão do regime fascista e colonialista português, sobre a égide do seu líder Antônio de Oliveira Salazar até 1968. O governo ditatorial se estenderia até 1974, quando houve a Revolução dos Cravos, em Portugal. A independência de Angola só viria no ano seguinte, em 10 de novembro de 1975. Para Rita Chaves, Luandino Vieira está,

dentre outros, entre os “intelectuais que atestam o engajamento em torno de propostas claramente vinculadas ao destino de sua terra”².

O livro de Luandino conta-nos a história de um trabalhador, que exerce a função de tratorista numa empresa responsável pela construção de uma barragem no rio Kuanza. Nesse trabalho, Domingos Xavier tem dois companheiros: um é o colega negro Sousa que possui a mesma posição hierárquica e o outro é o engenheiro da obra chamado Silvestre, de cor branca. Vejamos como Domingos descreve o segundo:

Não é daqueles brancos que te faz bem para você gostar dele, para ficar satisfeito porque o coração dele manda. Não! Esses eu conheço bem, mano Sousa! Esses eu conheço muito bem... Se você conhece um dia não cumprimenta de tirar o chapéu, dizem logo és um ingrato, todos os negros são assim, acabam te mandando no posto. Este não! Amigo Sousa! Este, quem manda é a cabeça dele... (Vieira,1979, p.22)

O engenheiro Silvestre é uma peça chave na trama, justamente por sua liderança ao lado dos negros, sendo conivente com o assunto de interesse do “povo”, a libertação de Angola. Silvestre ocupa um cargo de destaque, é angolano e líder na articulação que pretende levar à revolução que libertaria Angola. Quando a administração colonial prende Domingos Xavier, o interesse principal é saber quem é o branco.

O sequestro de Domingos Xavier na trama, vem acompanhado do desenrolar do plote que evidencia a articulação de civis, amigos ou não de Domingos. Entretanto, todos acreditam na liberdade através da resistência. É perceptível no livro muito do programa revolucionário marxista, no qual não se põe em xeque a questão racial, mas a classe a que pertence o indivíduo. A fala do narrador lembrando os momentos que o personagem Xico passava no clube com o amigo Mussunda vem confirmar a nossa colocação:

E mais tarde, num dia de grande chuva de Abril, amigo Mussunda tinha falado umas conversas que lhe abriram nos olhos: mostrou que não havia branco, nem preto, nem mulato, mas só pobre e rico, e que rico é inimigo do pobre porque quer ele sempre pobre. (VIEIRA, 1979, p.36)

Raymond Williams, em seu livro *Marxismo e Literatura*, mais especificamente no capítulo *Alinhamento e Compromisso* destaca que:

Há uma proposição no marxismo, quer expressa na fórmula da infraestrutura e da superestrutura, quer na ideia alternativa da consciência socialmente constituída, segundo a qual a escrita, como outras práticas, é, num sentido importante, sempre alinhada. Isto é, que ela expressa,

² Cf. CHAVES, Rita. *Literatura e Nacionalidade no Contexto Colonial*, p. 35.

explícita ou implicitamente, a experiência especificamente selecionada, a partir de um ponto de vista específico. (RAYMOND, 1979, p.198)

Luandino Vieira, em sua obra literária, seleciona uma experiência que poderia ter acontecido com qualquer angolano daquela época, que estivesse de alguma forma envolvido no combate ao colonialismo, ou ainda, reflete a própria experiência biográfica do autor que passou anos na prisão. A resistência, o combate, a denúncia era necessário que, antes de tudo, se expressassem através de um herói, um homem do povo que pudesse representar um arquétipo da tentativa de consolidação da angolanidade que germinava na colônia. Ainda para Raymond Williams, quando ele considera o alinhamento dos escritores:

Em qualquer sociedade específica, numa fase específica, os escritores podem descobrir em sua literatura as realidades de suas relações sociais e, nesse sentido, de seu alinhamento. Se quiserem modificá-las, a realidade de todo o processo social é imediatamente questionada, e o escritor numa revolução está, numa posição diferente do escritor sob o fascismo ou dentro do capitalismo ou no exílio. (RAYMOND, 1979, p.203)

Luandino Vieira está numa colônia prestes a independência, portanto, diante dos primeiros sinais premonitórios que trará a revolução, sendo esta, consequência do desdobramento de várias ações, sejam elas artísticas, políticas ou econômicas. Luandino é um intelectual que está se posicionando duplamente. Politicamente, contra o regime colonial-fascista e, artisticamente, cria a novela *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, com imagens riquíssimas da simbiose homem/natureza, demonstrando o quanto o homem angolano é indissociável da sua terra, associando com qualidade artística “forma e conteúdo de um modo feliz”³.

Encontramos durante o decorrer da novela uma rede de personagens (velho Petelo, Xico Kafundanga, Sousinha, engenheiro Silvestre, Miguel, Timóteo e miúdo Zito, dentre outros, este último apenas é um garotinho que sem se dar conta termina por ser essencial na organização opositora ao regime colonial) envolvidas numa ‘base’ no clube do Botafogo, lideradas pelo alfaiate Mussunda – que tem a função de divulgador e estimulador dos ideais marxistas. Logo após o episódio do rapaz que entra no maximbombo (ônibus) vindo do trabalho e é discriminado por estar sujo, o narrador evidencia a importância de Mussunda na trama:

Xico João já tinha visto muitas cenas destas. Todos os dias, em todos os sítios, era o pão quotidiano de todos os irmãos. Muito embora ensinado por Mussunda, sempre não podia ver essas conversas sem uma vontade de tomar defesa do irmão ofendido e insultado, só mesmo com muito custo refreava o impulso natural contra a injustiça de que era espectador. (Vieira, 1979, p.40)

³ Cf. COSME. Leonel. *Cultura e Revolução em Angola*. Lisboa. 1978, p.10.

A consciência de classe está presente por toda a narrativa, há uma grande solidariedade entre os companheiros – chamam-se de irmãos –, unidos e identificados no mesmo sentimento de luta e humilhação. Mas uma vez, utilizamos a voz do narrador para exemplificar: “Ah, como era bom saber um companheiro perto, como era bom sentir o calor da solidariedade! Domingos Xavier tinha a certeza de resistir, sentiu mais forte o dever de não trair os amigos que confiavam nele, não trair a sua terra.” (1979, p.45)

Na página 46, temos ainda mais evidências sobre essa solidariedade de classe. Um momento emocionante da narrativa, onde Domingos Xavier conversa, em pensamento, com seus “irmãos” de luta, além de denunciar a covardia dos irmãos assimilados pelo sistema colonial – os cipaios:

Só que, nessa hora, o sol brinca lá fora nas árvores verdes e os teus irmãos, Domingos, estão contigo. Os teus amigos sabem que estás preso e confiam em ti, te mandam bilhetes com palavras de coragem, precisas cumprir, Domingos Xavier. É verdade, irmãos, preciso de cumprir. Ontem já cumpri. Na Administração me deram com a pancada nos pés, nas mãos, no mataco, irmãos. Vocês pensam não custa? E ainda por cima ver nossos irmãos a nos bater? Ai, aqueles cipaios João e Mandombe, se lhes dou encontro, um dia! Mas, irmãos, minha boca não se abriu, meu coração ficou fechado com os segredos do povo.

Querer que o africano-angolano saia do estado de alienação colonial, é antes de tudo, querer que ele perceba a existência de um local chamado Angola que pode se tornar um país. A tentativa do despertar para a angolanidade, como já dissemos, se dá na obra em questão principalmente pela construção do herói nacional, Domingos Xavier. Mas também pela presença da força simbiótica entre homem e natureza, permitindo a valorização da terra, pela exuberância e opulência do rio Kuanza como fator de unidade territorial e, segundo Fernando Augusto de Albuquerque Mourão, no prefácio da edição da *Ática* de 1979, “denunciando a intervenção assimilacionista, privilegiando a linguagem do musseque, suas gentes e sua vida cotidiana”⁴

Interessa-nos aqui, a construção do herói nacional. Domingos Xavier reúne em sua figura as qualidades para a consolidação de um exemplo nacional a ser seguido. Ele é angolano, pobre, negro e fiel aos seus companheiros, alguém que sai da vida “real” para entrar numa vida verdadeira, uma vida imaginária, arquetípica, sendo ele uma espécie de mártir para a nova nação que queria surgir:

O sangue foi correndo, noite fora, cada vez com mais devagar, respiração cada vez mais fraca, a cara esmagada virando naquela cor esbranquiçada da morte. O moço que estava espreitar atrás de várias cabeças arriscou mesmo baixinho:

– Aiuê! Parece é tá dormir ainda...

⁴ Cf. VIEIRA, José Luandino. **A Vida Verdadeira de Domingos Xavier**. São Paulo: Ed. Ática, 1979. P.5.

Verdade mesmo, Domingos Xavier dormia para os seus irmãos, feliz em sua morte, de madrugada, com a luz da lua da sua terra a sair embora para contar depois, todas as noites, a história de Domingos Xavier.

A morte de Domingos Xavier marca o surgimento de sua vida verdadeira, que pode ser tomado como uma metáfora para o nascimento da nação angolana. Entretanto, é aqui que reside um dos maiores impasses angolanos: como construir uma nação num país dividido em tribos com desejos e interesses opostos e que apresentam línguas diferentes? Não é uma pergunta fácil de ser respondida e não nos propusemos a tanto. Até porque, talvez seja demasiado tarde⁵ para este país se transformar em nação. Nesse ponto é necessário trazer para nosso texto a reflexão de Balibar:

Para quem, hoje, é demasiado tarde? [...] quais são as formações sociais que, a despeito da imposição global da economia-mundo e do sistema de estados que ela suscitou, já não podem mais efetuar completamente a sua transformação em nações – exceto num sentido jurídico e ao preço de intermináveis conflitos sem resultados decisivos? (BALIBAR, 1988)

Conceber a “nação angolana” dentro dos moldes que entendemos a formação de outras nações no passado recente da humanidade, é certamente um passo para a equivocação. O que devemos procurar é compreender esse país em suas mais intrínsecas peculiaridades e, talvez, na era da transnacionalização do capital⁶ desenvolver outros parâmetros para este conceito, sendo no caso angolano fundamental, perceber suas diferentes etnias e os jogos praticados pelo capitalismo financeiro internacional.

Para além dessa problematização da nação, há na novela *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, um intenso envolvimento da literatura com a consciência revolucionária, onde as peças são colocadas num certo “tabuleiro de xadrez” e este expressa uma luta tripla – contra o poder colonial, o fascismo e o capitalismo. Intelectuais conscientes da sua responsabilidade social se envolveram nessa empresa, nesse grupo de escritores Luandino Vieira foi, acertadamente, um dos protagonistas.

⁵ Cf. BALIBAR, E. “*A forma nação: história e ideologia*”.

⁶ Cf. BALIBAR, E. “*A forma nação: história e ideologia*”.

REFERÊNCIAS:

BALIBAR, E. *“A forma nação: história e ideologia”*. Tradução livre de Jesiel de Oliveira Filho. Salvador. 2004.

CHAVES, Rita. *Literatura e nacionalidade no contexto colonial. In: A formação do romance angolano: entre intenções e gestos*. Coleção Via Atlântica. São Paulo: Edusp, 1999.

COSME, Leonel. *Cultura e Revolução em Angola*. Lisboa: Ed. Afrontamento, 1978.

VIEIRA, José Luandino. *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Ed. Ática, 1979.